



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI**

**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB**

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RAYLLA MARIA DE MOURA RODRIGUES**

**DIDÁTICA DAS AFRICANIDADES NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DE SABERES  
DOCENTES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 EM UMA ESCOLA  
DE PICOS-PI**

**PICOS-PI**

**2014**

**RAYLLA MARIA DE MOURA RODRIGUES**

**DIDÁTICA DAS AFRICANIDADES NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DE SABERES  
DOCENTES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 EM UMA ESCOLA  
DE PICOS-PI**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rebeca de Alcântara e Silva Meijer

**PICOS-PI**

**2014**

Eu, **Raylla Maria de Moura Rodrigues**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 07 de março de 2014.

  
Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**R696d** Rodrigues, Raylla Maria de Moura.  
Didática das africanidades na escola: a construção de saberes docentes para a implementação da lei 10.639/2003 em uma escola de Picos - PI / Raylla Maria de Moura Rodrigues. – 2014.

CD-ROM ; 4 3/4 pol. (52 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.  
Orientador(A): Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer

1. Saberes Docentes. 2. Lei n.º 10.639/2003. 3. Pesquisa-Ação. 4. Extensão Universitária. I. Título.

CDD 370.71

**RAYLLA MARIA DE MOURA RODRIGUES**

**DIDÁTICA DAS AFRICANIDADES NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DE  
SABERES DOCENTES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 EM  
UMA ESCOLA DE PICOS-PI**

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura Plena em Pedagogia do  
Campus Senador Helvídio Nunes de  
Barros da Universidade Federal do  
Piauí (UFPI) como requisito parcial  
para obtenção do título de licenciada  
em Pedagogia

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rebeca de  
Alcântara e Silva Meijer

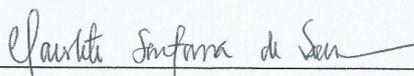
Aprovada em: 10/02/2014.

**BANCA EXAMINADORA**



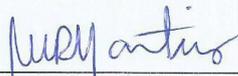
Prof. Dr.<sup>a</sup> Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (Orientadora)

Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Prof.<sup>a</sup> Esp. Claudete Santana de Sousa (Examinadora)

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)



Prof.<sup>a</sup> M.A. Maria da Conceição Rodrigues Martins (Examinadora)

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Dedico este trabalho a minha família em especial. Também aos meus amigos de um modo em geral, que contribuíram direto e indiretamente com esta minha jornada de lutas no decorrer do curso.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus. Que é meu Pai celestial, que me dá forças e me impulsiona a não desistir de lutar a cada dia.

À minha família, por ser meu alicerce e ponto inicial de minha partida. De onde surgiu e me joguei de cabeça numa formação superior em que muitas vezes pensei em desistir. Aos meus amigos que se depararam muitas vezes com a minha pessoa chorando e desesperada, por não acreditar que era capaz e, ali estavam do meu lado dando forças e me incentivando a não desistir de lutar. Em especial minhas amigas de verdade: Eva Jussara, Evlannyelie, Sonária e Denise, por estarem ao meu lado apoiando sempre.

Em especial a professora Ana Carmita, pois no início da graduação me deu forças na qual me fizeram refletir sobre minhas ações discentes me despertando para o mundo universitário.

Também aos meus colegas de trabalho, em escutar sempre os meus relatos sobre a graduação e dificuldades encontradas nessa jornada.

Um agradecimento a todos os meus professores no percurso da graduação pela motivação, em especial a minha orientadora, professora Rebeca que me deu um voto de confiança em está ao meu lado finalizando essa jornada e motivando-me a acreditar mais em meu potencial.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, ação-reflexão; A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

*(Paulo Freire)*

## RESUMO

Esse trabalho tem como propósito apresentar as análises sobre saberes docentes realizadas nas ações desenvolvidas pelo Programa de Extensão da UFPI tendo como título: *Didática das Africanidades na Escola*. As ações de extensão aconteceram na Escola Municipal de ensino fundamental Francisco Jeremias de Barros localizada no bairro Samambaia na cidade de Picos-PI. O Programa teve como objetivo principal realizar e analisar formação das docentes da referida escola com vistas a implementação da Lei nº 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira e da Educação das Relações Étnico-Raciais na educação básica. Nesse sentido foram elaboradas e analisadas a partir do método da pesquisa-ação intervenções pedagógicas com foco em três eixos temáticos, a saber: literatura de base africana na escola, o ser negro na escola e cultura negra na escola. O grupo de extensão realizou oficinas pedagógicas com alunos e docentes, promoveu formação teórica das professoras e análise das ações implementadas. Desenvolveu-se a presente pesquisa a partir do material empírico elaborado e procurando analisar a construção de saberes docentes de professoras de uma escola de educação básica, no âmbito da formação propiciada e descrever o desenvolvimento das intervenções pedagógicas e ainda avaliar até que ponto essas intervenções contribuíram para implementação da lei 10.639/2003. Nosso principal expoente teórico assenta-se nos estudos da pesquisadora Selma Garrido Pimenta (1999, 2002), que classifica os saberes docentes em saberes de experiência, do conhecimento e pedagógicos, mas também em teóricos como Farias (2008), Meijer (2012), Silva (2006). A análise das intervenções realizadas revelou que para implementar a lei 10.639/2003 faz-se necessário formação docente a fim de que se desenvolva saberes especializados com foco nas teorias das africanidades e afrodescendência, pois, antes da formação não havia quase nenhum saber pedagógico nas práticas das docentes. Os saberes do conhecimento eram rudimentares, por vezes reforçadores de estereótipos e estigmas da cor e que os saberes de experiência eram mascarados com um fino verniz da ideologia de que no Brasil não há racismo. Com isso, concluímos que cabe ao poder público o investimento urgente em formação docente, ações de extensão nas escolas e pesquisas capazes de analisar os espaços institucionais para que os

professores possam adquirir saberes docentes para implementarem a Lei 10.639/2003.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saberes docentes. Pesquisa-ação. Extensão universitária.

## **ABSTRACT**

This paper aims to present the analysis of teachers knowledge held in the actions developed by Extension Program UFPI that was titled: Teaching in the School of Africanities. The extension actions happen at the Municipal School of elementary education Jeremiah Francisco de Barros Fern neighborhood located in the city of Picos -PI. The program aimed to conduct and analyze the training of teachers of that school with a view to implementation of Law No. 10.639/2003 dealing with compulsory teaching of History and of African and Afro - Brazilian Culture and Education of Racial-Ethnic Relations in basic education. Accordingly been prepared and analyzed from the action research educational interventions focusing on three thematic axes method, namely: the African background literature in school, being black and black culture in school in school. The group extension teaching workshops conducted with students and faculty, promoted theoretical training of teachers and analysis of actions taken. Developed in this research drawn from empirical data and attempt to analyze the construction of teaching knowledge of teachers from a school of basic education within the training afforded and describe the development of educational interventions and also assess the extent to which these interventions contributed for implementation of the law 10.639/2003. Our main theoretical exponent is based on studies of researcher Selma Garrido Pepper (1999, 2002), which classifies teachers knowledge in knowledge of experience, knowledge and learning , but also theoretical and Farias (2008 ), Meijer (2012), Silva (2006). The analysis of the interventions revealed firstly that to implement the law 10.639/2003 necessary teacher training is done in order to develop specialized knowledge that focused on theories and Africanities afrodescendência. Secondly that before the training there was almost no pedagogical knowledge of teaching practices. The knowledge of knowledge were rudimentary, sometimes reinforcing stereotypes and stigmas of color and knowledge from experience were masked with a thin veneer of ideology that there is no racism in Brazil. The subjects of the research concluded that it is the government 's urgent investment in teacher training , extension actions in schools and research capable of analyzing the institutional spaces for teachers to acquire teaching knowledge to implement the Law 10.639/2003 .

**KEYWORDS:** Knowledge teachers. Action research . University extension .

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Plano de ação .....	27
Quadro 2 - Oficinas pedagógicas .....	28
Imagem 1 – Apresentação do filme .....	30
Imagem 2 – Elaboração do álbum seriado .....	31
Imagem 3 – Aula de capoeira com os meninos .....	34
Imagem 4 - Desfile das belezas negras .....	34
Imagem 5 – Contação de história .....	36
Imagem 6 – Dança afro .....	40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1.1 Problematização</b> .....	15
<b>1.2 Objetivo Geral</b> .....	16
<b>1.3 Objetivos Específicos</b> .....	16
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	17
<b>2.1 Pesquisa-ação</b> .....	17
<b>2.2 Campos da pesquisa</b> .....	18
<b>2.3 Sujeitos da pesquisa</b> .....	19
<b>3 OS SABERES DOCENTES</b> .....	20
<b>3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira e da Educação das Relações Étnico-Raciais</b> .....	21
<b>3.2 Saberes docentes e aplicação da Lei nº 10639/2003</b> .....	22
<b>3.2.1 Saberes pedagógicos</b> .....	23
<b>3.2.2 Saberes do conhecimento</b> .....	24
<b>3.2.3 Saberes de experiência</b> .....	25
<b>4 AS INTERVENÇÕES DIDÁTICAS E OS SABERES DOCENTES ADQUIRIDOS NO CAMPO DAS AFRICANIDADES</b> .....	27
<b>4.1 Saberes pedagógicos</b> .....	28
<b>4.1.1 Oficinas sobre “o ser negro”</b> .....	28
<b>4.1.2 Oficinas sobre “cultura negra”</b> .....	31
<b>4.1.3 Oficinas sobre “Literatura de Base Africana”</b> .....	35
<b>4.2 Saberes do Conhecimento</b> .....	37

<b>4.2.1 Ser negro, literatura de base africana e cultura negra: a construção dos saberes do conhecimento .....</b>	<b>39</b>
<b>4.3 Saberes de experiência.....</b>	<b>43</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico está intitulado *Didática das africanidades na escola: a construção de saberes docentes para a implementação da Lei nº 10.639/2003 em uma escola de Picos-PI*. Mas que relevância há nesse tema para a educação na sociedade contemporânea?

A relação escola, currículo, formação docente e cultura vêm nos mostrando que além das questões de ordem econômica, social, pedagógica e linguística convivem, conflituosamente, no cotidiano escolar, outras questões relacionadas à estrutura excludente da escola, tais como os valores da infância e da juventude, a violência das sociedades modernas, as novas formas de exclusão social, o tratamento dado às entidades de idade, gênero e raça.

No contexto da realidade contemporânea está de forma expressiva o debate acerca das questões raciais. Desde 9 de janeiro de 2003 foi promulgada a Lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira e da Educação das relações Étnico-Raciais na educação básica. Porém, não há como implementar ações pedagógicas e curriculares nas escolas sem a devida formação.

É evidente então, a importância de uma formação para professores acerca da Lei 10.639/2003 procurando entender suas orientações específicas nas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Até então, a mesma não está sendo aplicada nas escolas, principalmente nas escolas do ensino público na cidade de Picos-PI, faltando uma formação que lhe dê apoio necessário capaz de elaborar uma metodologia aprimorada com saberes docentes necessários à aplicação da mesma.

Em meio a tais colocações é relevante destacar que o Estado do Piauí é um dos que contém a maior quantidade de habitantes considerados pretos ou pardos, conforme dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população do Piauí possui 3.119.015 habitantes (Censo 2010 do IBGE). Com base no Mapa da Distribuição Espacial da População, segundo a cor ou raça - Pretos e Pardos no Brasil, as pessoas do Piauí que se

autodeclararam pretos correspondem a 9,4% e pardos correspondem a 64,0%, ou seja, 73,4% da população. O Piauí está em quinto lugar dentre os estados que possuem a maior população preta ou parda.

Frente a esse desafio a Universidade Federal do Piauí em parceria com a Secretaria de Educação do município de Picos realizou o Programa de Extensão “Didática das Africanidades na escola” com o intuito de realizar e analisar formação docente de profissionais da educação para implementação da referida lei na Escola Municipal Francisco Jeremias de Barros. A formação aconteceu a partir dos eixos: o que é ser negro, literatura de base africana, cultura negra e saberes docentes para a implementação da lei 10.639/2003. Sobre este último eixo realizei a presente pesquisa procurando perceber, descrever e analisar a especificidade dos saberes construídos pelos profissionais da educação envolvidos no Programa.

Nosso esteio teórico sobre formação docente e saberes da docência está ancorado principalmente em PIMENTA (1999, 2002). Trabalha-se precisamente com três saberes docentes: os saberes pedagógicos, do conhecimento e de experiências. Alguns outros apoios teóricos estão em Meijer (2012), Farias (2008), Silva (2006).

## **1.1 Problematização**

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais é papel das Instituições de Ensino Superior (IES) promover formação inicial e continuada de professores para que os mesmos possam implementar as bases pedagógicas e curriculares nos espaços escolares (BRASIL, 2004). A partir de diversas intervenções pedagógicas na Escola Municipal Francisco Jeremias de Barros, o Programa de Extensão didática das Africanidades na escola nos propiciou elementos empíricos para proceder a análise tendo como método a pesquisa-ação que visa, por sua vez, a transformação da realidade problematizada de forma colaborativa. A partir do exposto é mister anunciar que procuramos perceber que saberes docentes podem ser elaborados para a

implementação da lei 10.63/2003 no âmbito de uma formação propiciada por um Programa de Extensão realizado numa escola pública de Picos-PI?

## **1.2 Objetivo Geral**

Analisar que saberes docentes podem ser elaborados para a implementação da Lei 10.639/2003 no âmbito de uma formação propiciada pelo Programa de Extensão “Didática das Africanidades na escola”.

## **1.3 Objetivos Específicos**

- Descrever o desenvolvimento das intervenções pedagógicas do Programa “Didática das Africanidades na escola” realizadas numa escola da educação básica da cidade de Picos-PI;
- Avaliar os saberes docentes desenvolvidos com o intuito de implementar a Lei 10.639/2003 a partir da formação de professoras realizada no âmbito do programa de extensão “Didática das Africanidades na Escola”.

O trabalho é composto pela introdução que contém a apresentação do tema, sua importância, pela problematização, apresentando em seguida o objetivo geral e detalhando os específicos e a mostra da organização do texto. A segunda parte é a metodologia, onde apresento o método da pesquisa-ação, a forma como a pesquisa foi realizada, os sujeitos da pesquisa, o campo da pesquisa e os procedimentos metodológicos. Na terceira parte exponho o referencial teórico momento em que se discute formação dos professores, a aplicação da Lei 10.639/2003, saberes docentes: pedagógicos, saberes do conhecimento e saberes de experiência. Na quarta e última parte apresentamos as análises de dados e finalmente as considerações finais, especificando os dados obtidos.

## 2 METODOLOGIA

Será apresentada a Pesquisa-ação, metodologia aplicada nesta investigação. Trata-se de uma pesquisa de campo de carácter qualitativa. Assim iremos citar a pesquisa-ação em sua história e procedimentos. Em seguida descreveremos o campo da pesquisa, os sujeitos envolvidos, os dados elaborados, e os procedimentos utilizados.

### 2.1 Pesquisa-ação

A pesquisa-ação distingue-se da pesquisa clássica em muitos outros pontos, e um deles é a formulação do problema, uma vez que, na maioria das vezes não precisa formular de início as hipóteses. O problema nasce em determinado ambiente, é oriundo de agrupamentos vivendo situações caóticas, conflituosas, como é o caso da presente pesquisa onde professores do Ensino Básico experimentam o conflituoso desejo e receio de fazer cumprir a Lei 10639/20003. De acordo com René Barbier, a pesquisa-ação foi difundida para o mundo a partir de um colóquio acontecido nos Estados Unidos em 1996. Os pesquisadores que ali se encontravam a definiram da seguinte maneira: trata-se de pesquisas nas quais há uma ação deliberada de transformação da realidade; pesquisas que possuem um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações” (2007, p.17).

Pesquisa-ação para Meijer é ação e complexidade. É processo infinito que faz agir olhando em todas as direções para entender o real problematizado. Para a pesquisadora a ação é pesquisa (2012).

Em outra direção, é uma forma de pesquisa qualitativa. Para Costa apud Dione (2001, p.39), “o importante na pesquisa qualitativa, é que o verdadeiro instrumento de medida é a experiência, a sensibilidade do pesquisador”.

Contudo, na prática da pesquisa, na relação do pesquisador com os outros sujeitos envolvidos, nas condições e especificidades é que vai se delineando o tipo

de pesquisa-ação a estar acontecendo. Estudando os tipos de pesquisa-ação, é possível perceber que, na maioria, elas têm como fim mudar certa situação, bem como pretendem o enriquecimento de conhecimentos (DIONNE, 2006). A pesquisa-ação visa além da transformação da realidade o desejo coletivo de elaborar novos conhecimentos. É um exercício de democracia em pesquisa.

Em uma pesquisa-ação são desenvolvidas quatro etapas: a etapa de identificação das situações iniciais, de projeção das ações, a realização das atividades prevista e a avaliação dos resultados obtidos. Dionne (2007). Tais momentos foram realizados nesta pesquisa. Foi feita uma avaliação diagnóstica com aplicação de entrevistas com as professoras participantes da pesquisa em foco. Na segunda etapa, foram realizadas oficinas pedagógicas com os alunos/as e as professoras responsáveis pelas turmas. Depois desenvolvemos minicursos e oficinas com professores e demais profissionais de educação da escola em estudo e por fim avaliamos a formação e a pesquisa.

## **2.2 Campo da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na instituição de ensino Escola Municipal Francisco Jeremias de Barros, localizada no Povoado Marques de Sousa também conhecido como Samambaia, S/N, Zona Rural de Picos-PI.

A estrutura física da escola é de 05(cinco) salas de aula. A escola não tem biblioteca. A diretoria funciona como sala de computadores, sala de professores e secretaria. A escola conta com uma diretora titular graduada, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, uma agente administrativa, três vigias e quatro zeladoras. A escola conta com um total de dezessete professoras todas graduadas.

A equipe dirigente é composta por Leiane Caminha Leal (gestora) e Shearley Lima Teixeira (coordenadora pedagógica). Os níveis de ensino que a escola possui são: educação infantil e 1º ao 4º ano pela manhã, 5º ao 9º ano à tarde e EJA á noite.

Os alunos atendidos pela escola são de baixo poder aquisitivo. As famílias da comunidade têm como meio de sobrevivência o trabalho autônomo, comércio e da

agricultura. A renda familiar é em média de um salário mínimo e, a maioria recebe a bolsa família.

### **2.3 Sujeitos da pesquisa**

Os professores e funcionários do ensino fundamental I, da Escola Municipal Francisco Jeremias de Barros.

### 3 OS SABERES DOCENTES

A discussão sobre os saberes docentes ganhou visibilidade nacional e internacional com a mobilização em torno do magistério. Não é demais mencionar que foi a partir das reformas curriculares realizadas pelo professor estadunidense Donald Schön, nos cursos de formação dos profissionais, que surgiram e ganhou o mundo as ideias em torno da necessidade de se mudar as práticas presentes no currículo normativo. Schön, defendia que a formação dos profissionais não conseguia dar respostas aos desafios presentes no cotidiano da profissão e a causa residia na ordem estabelecida pelo currículo normativo ao apresentar inicialmente a ciência, em seguida a aplicação dos conteúdos por intermédio de estágios (PIMENTA, 2008).

Uma das teorias que move grandes reflexões no campo da didática é a de que a profissão professor requer saberes especializado. Corroboram com esse pensamento FARIAS et al. 2008; THERRIEN, 2009; PIMENTA 1999; GAUTHIER, 1998). Para tanto, o professor precisa de uma formação que preencha lacunas necessárias que lhe possam direcionar maneiras na sua atuação no campo da educação com saberes docentes, voltados como jeito próprio de ensinar. De acordo com Tardif (2002 a) “o saber dos professores não provém de uma única fonte, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira pessoal e profissional” (p.21). Tardif, constata que no contexto de sua profissão e da sala de aula os professores utilizam vários saberes que muitas vezes não são elaborados por eles, pois são oriundos de lugares sociais anteriores à sua carreira, contudo, integram a profissão docente.

Provém da família do professor, da escola que a formou e da sua cultura pessoal; outros procedem das universidades, outros são oriundos da instituição ou do Estabelecimento de ensino (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos finalidades, etc.; outros provém dos pares, dos cursos de reciclagem, etc.) (op.cit.64).

Os saberes docentes que direcionam a identidade profissional requerem cuidados e planejamento, motivando-o assim, para uma boa formação.

### **3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira e da Educação das Relações Étnico-Raciais**

Em janeiro de 2003 o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº 10639/03-MEC alterando a Lei de Diretrizes e Bases Curriculares Nacionais nº 9.394/96 para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (LDB), estabelecendo as Diretrizes Curriculares para sua implementação. De acordo com a referida Lei fica instituído em regime obrigatório o ensino da História e da cultura da África e dos Afro-Brasileiros no Currículo escolar do ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas, bem como a Educação das Relações Étnico-Raciais (SILVA, 2006). Em março do mesmo ano o governo cria a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e ainda institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial.

Com a Lei 10639/2003, apoia-se particularmente o reconhecimento, a valorização e a afirmação de direitos da população afro-brasileira. Todos os alunos e professores, sejam eles negros ou não, necessitam sentir-se valorizados. O sucesso de tais ações depende ainda de uma reeducação nas relações entre negros e brancos.

Art. 3º A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004. (BRASIL, 2004).

A Lei foi implementada, mas não tem possibilidades de se cumprir se os professores não forem capacitados para aplicá-la, em sala de aula, de acordo com a sua realidade. Sua promulgação pelo presidente Lula em 2003 não garantiu sua concreta efetivação nos espaços escolares. De lá para cá, poucos foram os avanços no que se refere à formação docente para o efetivo implemento da mesma nas escolas. Isso mostra que falta uma orientação, capacitação adequada à formação docente capaz de fortalecer saberes especializados sobre tais temáticas.

Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões

relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las (SECAD, 2006, p. 239).

A formação é um dos contextos de socialização que possibilita ao professor reconhecer-se como profissional, construindo-se a partir de suas relações com os saberes e com o exercício da docência. (FARIAS, 2008 P.66).

O impacto da carência na formação de professores é sentida quando o professor chega ao campo profissional, sem saberes suficientes sobre o assunto e é cobrado para a aplicação dos mesmos, seja pelo cotidiano escolar, pelo projeto político pedagógico da escola e sua execução, ou mesmo por denúncias feitas ao Ministério Público pelo não cumprimento da Lei 10.639/2003.

Não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeu, por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira (BRASIL, 2004, p. 17).

A forma pela qual se pretende ensinar para os alunos sobre as relações étnico-raciais requer muito cuidado, pois, se os professores não tiverem uma formação adequada só aumentará mais ainda o quadro sobre racismo, preconceito e discriminação

[...] ressarcir os descendentes de africanos negros dos danos psicológicos, materiais, sociais, e educacionais sofridos em regime escravista bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição (BRASIL, 2004, p. 11).

### **3.2 Saberes docentes e aplicação da Lei n° 10639/2003**

De acordo com FARIAS (2008), um elemento central usado que discute os saberes docentes é a identidade profissional do professor. Ela norteia assim a história de vida, a formação e as práticas pedagógicas fazendo com que ele se construa no seu papel de educador. Jennifer Nias, certa vez afirmou que “o professor é uma pessoa: e uma parte importante da pessoa é o professor”. Essa afirmativa nos chama a atenção para o fato óbvio, mas muitas vezes esquecido, de que o professor não é apenas profissional. Para Therrien (1994), a noção de saber e

vincula a uma racionalidade e pode ser definido como uma atividade discursiva e intelectual que utiliza argumentos para validar uma proposição ou uma ação. A docência é, portanto, um trabalho que requer estudos especializados.

Relembrando que desde 2003 se tornou obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica. Mas, para cumprir esta obrigatoriedade se faz necessário formar pessoal docente. Essa demanda está explícita no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana. Cabe às instituições de ensino superior (IES), de acordo com o Parecer CNE/CP 03/2004 explícito no referido Plano,

Fomentar apoio técnico para a formação de professores e outros profissionais de ensino que atuam na escola de educação básica, considerando todos os níveis e modalidades de ensino, para a educação das relações étnico-raciais Inclusive, articulando os conteúdos de referência e a avaliação dos mesmos à pesquisa e extensão. (BRASIL, 2004).

Para a professora Pesquisadora Selma Garrido Pimenta (1999), os saberes da docência se constituem, solidifica, transformam a partir dos saberes do conhecimento, saberes pedagógico e os saberes de experiência.

### **3.2.1 Saberes pedagógicos**

Estes envolvem tudo o que o professor busca na sua vida acadêmica, em sala de aula, suas experiências e trocas de saberes que acontecem constantemente, influenciando na sua didática como professor inovador na busca de transformação para a educação.

Os saberes pedagógicos, aqui compreendidos viabilizam a ação do “ensinar” (PIMENTA, 1999), e são elaborados na prática e pela prática docente. A história de vida dos docentes, as concepções sobre educação, as escolhas teórico-metodológicas, a personalidade da pessoa do professor, bem como os conhecimentos adquiridos nas mais variadas fontes imprimem o próprio ritual formativo, é o tipo de saber proveniente da relação do professor consigo, com o conhecimento, os aprendentes e as condições de ensino.

Quanto aos saberes pedagógicos Tardif et al (1991) entendem que estes,

Apresentam-se como doutrinas ou concepções produzidas por reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas, mais ou menos coerentes, de representações e de orientações da atividade educativa (p.219).

Os saberes pedagógicos estabelecem uma prática do conhecimento adquirido com toda a sua experiência vivida com o meio, esta vem sendo transmitida ao aluno de uma maneira expressiva com conteúdos selecionados e atividades apropriadas para seu entendimento, nesse sentido repassando conteúdos de cunho africano e afro-brasileiro em sua metodologia.

### **3.2.2 Saberes do conhecimento**

Como ensinar é a principal atividade do docente, para tanto nota-se necessário seu aprofundamento em conhecimentos específicos que lhe apoiem no seu entendimento e compreensão na vida atuante de professor. Preocupado em atualizar-se sobre temas que regem a diversidade existente na sociedade, procurando meios em que ajudem a desenvolver atividades diferenciadas. Identificar que conhecimentos são desenvolvidos para atuar no âmbito da cultura escolar, as condições mais adversas que o trabalho busca especificar e estudar as necessárias articulações.

Desses conhecimentos do professor tanto com a prática, quanto com os conhecimentos teóricos acadêmicos da formação básica, tais articulações possibilitam o desenvolvimento da capacidade reflexiva, que favorece o compromisso com o ensino de qualidade e a competência.

Estes saberes, juntamente com os de experiências se transformarão em saberes pedagógicos, onde o professor terá ferramentas básicas e estrutura adequada em saber lidar com conteúdos e uma didática apropriada a um respectivo assunto. A complexidade de variáveis presentes no cotidiano da escola revela que não basta ao professor possuir apenas conhecimentos científicos para transmitir aos alunos. É preciso uma série de outras competências relacionadas à didática do saber ensinar, uma vez que “o saber transmitido não possui, em si mesmo, nenhum

valor formador: somente a atividade de transmissão lhe confere esse valor” (TARDIF, 2002, p. 44).

Para uma vasta ampliação do entendimento ativo do docente, é necessário conhecer para compreender, havendo posicionamento com um determinado assunto. Neste caso irá analisar para se conhecer a Lei 10.639/2003, tornando necessário trabalhar-se sobre a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura afro-brasileira e africana e da educação das relações étnico-raciais. O desafio é fazer com que o docente tenha o conhecimento, aproprie-se dele e, através de suas análises busque estratégias nas quais apliquem em sala de aula. Segundo Pimenta (2002), identificam-se aspectos relacionados à identidade profissional do professor, construída a partir:

significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes dos saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (p. 19).

O professor torna-se um agente principal de mudanças aonde cria métodos inovadores que venha a valorizar novos conhecimentos, possibilidades de transformação que só acontecem postos em prática com o conhecimento adquirido sobre a lei 10.639/2003.

### **3.2.3 Saberes de experiência**

No decorrer de toda a sua vida o professor, adquire saberes de experiência que vão ajudando-o a dar sentido à sua formação. Desde cedo sabe o que é ser professor, mas, esses saberes não são suficientes para uma total aprendizagem, porém toda sua bagagem de vida fatos e histórias irão contribuir para sua formação conseguinte. Para Therrien,

O professor desenvolve sua prática profissional e se constitui como tal, também e principalmente, no espaço escolar. A escola, como local de trabalho, é a expressão micro da totalidade do contexto social e histórico em que ele exerce com plenitude sua ação como ser de transformação (et al, 2000, p.17)

A partir do momento que o professor entra em contato com a sala de aula, seus alunos, seus colegas de trabalho tudo a sua volta vai ser novo, mas, o que ele vivenciou durante sua vida, em casa, na escola, na rua isso implicará na sua postura como docente atuante. Os saberes de experiência quando colocados em diálogos com outros professores a respeito dos problemas, da prática pedagógica e de ação docente, amplia a discussão desta categoria de saber docente. Tardif (2002 p.50), diz que os saberes de experiência “[...] fornecem aos professores certezas relativas ao seu contexto de trabalho na escola de modo a facilitar sua integração”.

Tal saberes serão postos em prática, se o professor tiver conhecimento referente ao assunto, neste caso se aprofundar à Lei 10.639/2003 ao ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, com conteúdos inovadores aplicando-os na sala de aula, possibilitando assim, o acesso à realidades que até então eram desconhecidas.

#### 4 AS INTERVENÇÕES DIDÁTICAS E OS SABERES DOCENTES ADQUIRIDOS NO CAMPO DAS AFRICANIDADES

O presente capítulo tem como meta descrever e analisar as intervenções realizadas no Programa de Extensão Didática das Africanidades na Escola, com vistas a avaliar os saberes docentes elaborados pelos sujeitos envolvidos para a implementação da Lei nº 10.639/2003. Como se trata de uma pesquisa-ação inicialmente realizamos intervenção avaliativa diagnóstica procurando elementos problematizadores do campo de pesquisa. Em seguida, realizamos intervenções pedagógicas com alunos sob a observação de docentes, promovemos intervenções de formação teórica com as professoras e outros profissionais da escola. Realizamos avaliação do processo e por fim planejamento pedagógico para implementação dos saberes adquiridos no Programa de Extensão para o ano letivo de 2014. A seguir o plano de ação do percurso:

Quadro 1 – Plano de ação

1. Avaliação diagnóstica das docentes envolvidas no programa de extensão;
2. Oficinas Pedagógicas de temas expressivos para o desenvolvimento de uma Temática Africanidades do 1º ao 5º ano para a implementação da Lei 10.639/2003;
3. Formação docente para a implementação da Lei 10.639/2003;
4. Avaliação dos saberes docentes construídos no Programa de Didáticas das Africanidades na Escola;
5. Planejamento Pedagógico para 2014 com os temas de referência da formação: ser negro, cultura negra e literatura de base africana.

Procuramos descrever e analisar algumas intervenções com o intuito de perceber os saberes docentes elaborados e mobilizados ao longo do processo interventivo no contexto do Programa de Extensão tendo como método a pesquisa-ação na escola Municipal Francisco Jeremias de Barros. Para Selma Garrido Pimenta (1999, 2002), os saberes docentes são os pedagógicos, do conhecimento e os de experiência. A partir da tipologia apresentada pela estudiosa analisamos os dados elaborados em situação de pesquisa.

## 4.1 Saberes pedagógicos

Os saberes pedagógicos estão aqui compreendidos como os que viabilizam a ação do “ensinar” (PIMENTA, 1999), são elaboradas na prática e pela prática docente. A história de vida dos docentes, as concepções sobre educação, escolhas teórico-metodológicas, a personalidade do professor, bem como os conhecimentos adquiridos nas mais variadas fontes vão mostrando a sua maneira própria de ensinar, agir em determinadas situações que imponham fazer.

No contexto do Programa de Extensão Didática das Africanidades da escola, quais saberes pedagógicos foi possível elaborar?

Frente a esse desafio selecionamos para análise algumas oficinas realizadas com alunos e docentes do 1º ao 5º ano no mês de novembro de 2013. As intervenções foram realizadas por quatro bolsistas do Programa de Extensão supracitado e com a colaboração das professoras regentes de sala de aula. A meta foi elaborar e desenvolver estratégias pedagógicas a partir de alguns temas geradores. Sendo essas oficinas:

Quadro 2 – Oficinas pedagógicas

1. Duas (02) oficinas sobre “o ser negro”;
2. Duas (02) oficinas sobre “cultura negra”;
3. Duas (02) oficinas sobre “literatura de base africana”.

### 4.1.1 Oficinas sobre “o ser negro”

No dia dezanove de novembro de 2013 foi realizada a oficina “África e sua influência no Brasil” na turma do 5º ano do ensino fundamental. A minha colega bolsista de extensão a quem convencionarei chamar de Bolsista S iniciou então as oficinas sobre “o ser negro”. No primeiro momento ela fez uma breve explicação sobre a África. Falando de seus costumes, gostos, rituais, influências culturais para o Brasil, a diversidade de povos, idiomas, hábitos, riquezas e desafios do Continente da diversidade. A seguir um trecho da exposição da bolsista para os alunos e professora:

No Brasil não foi diferente dos outros países. Milhares de escravos também vieram para o Brasil, mas não rapidamente, pois a economia tinha como finalidade o lucro, a rentabilidade da empresa era o fator determinante da direção do tráfico humano. A colônia portuguesa estava longe de poder comparar-se com a Espanha, rica em metais preciosos, lotavam os galões enviados para buscar escravos na África. (Bolsista de extensão S).

Depois da exposição oral com apoio em slides foi apresentado um vídeo sobre a África: “África de A a Z”. O vídeo, rico em imagens diversas da África, explorava as múltiplas culturas e tradições, assim como imagens de edificações pós-modernas e também construções do passado histórico de diversos países, explicando sempre os significados e tirando as dúvidas dos alunos. O segundo passo foi à elaboração de um álbum seriado pelos alunos. Eles fizeram um álbum seriado com o que aprenderam sobre a África e suas riquezas. Depois da produção do álbum seriado os alunos o apresentaram e ficaram admirados. Muitas coisas que eles jamais tinham visto. Após a exposição do álbum alguns alunos assim se expressaram:

Eu não sabia que a África era tão grande! Do jeito que tem pobre tem rico igualzinho no Brasil, né? (Aluno do 5º ano).

Eu já tinha visto no Globo Repórter uns lugares muito pobres e muita gente bem magrinha pedindo comida. Agora nosso grupo percebeu que não. Tem gente com muito poder, tem fome e tem coisa legal lá. (aluna do 5º ano).

Havia iniciado um tempo de descobertas no tocante ao Continente africano. Nenhum dos alunos deixou de participar e de fazer perguntas ou fazer esclarecimentos sobre o que estavam estudando a partir do material de pesquisa disponibilizado para eles na oficina (livros e revistas). Houve de fato uma reconstrução do entendimento sobre a África e suas realidades diversas.

No segundo dia de oficina o tema gerador foi: o que é ser negro? Preconceito, racismo e discriminação sobre o ser negro ainda com os alunos do 5º ano. Os alunos chegaram ansiosos para saber como seria a outra oficina o que tinha de novidade para eles. A bolsista S iniciou a oficina com o filme “Vista minha pele”.



Imagem 1 – Apresentação do filme

O filme mostra a realidade de uma adolescente branca que sofria preconceito, discriminação, racismo na escola pela sua cor de pele. A maioria dos alunos eram negros e não aceitavam que a menina branca participasse das atividades de prestígio na escola, como por exemplo a eleição da miss festa junina. Sendo a maioria das crianças negras e não a aceitando ela participar de nada na escola. A adolescente branca tinha apenas uma colega negra que ajudava e incentivava a menina a não desistir de lutar pela sua raça e cor. A menina vivia numa revolta em casa e comentava com seus pais que não aguentava mais tanta discriminação na escola, nas ruas, em qualquer lugar. Sempre o negro era favorecido em tudo, tinha os melhores empregos, casas, veículos, enfim tudo conspiravam a favor dos negros e os brancos ficavam de lado, sem oportunidades de escolhas, sendo inferiores na sociedade. O filme é claro contava a história invertida, pois a realidade é muito diferente, quem sempre sofreu racismo, preconceito e discriminação na sociedade foram os negros e até o dia de hoje convivem com esse desrespeito e vergonha para nós.

Seguindo o roteiro da oficina, teve uma roda de conversa com a participação dos alunos sobre o filme momento em que eles expuseram suas opiniões e falas em relação ao mesmo e tiraram dúvidas. Em seguida fizeram um texto sobre o tema “o ser negro”. Depois apresentaram as produções. A intervenção cumpriu dois objetivos: Em primeiro lugar possibilitou aos alunos contato com conteúdo de

referência para o entendimento do teor racista da sociedade brasileira, o que gerou muitas reflexões ricas, a saber, uma amostra do pensamento do grupo;

É o contrário, professora. São os negros que sofrem discriminação. O pobre é que é negro. Na história a agente vê é o negro apanhando, morrendo. O filme disse vista a minha pele pra dizer isso assim... que tá virado. (aluna do 5º ano).

Em segundo lugar, as oficinas cumpriram o objetivo de construção de saberes pedagógico quando possibilitaram à bolsista S organizar, planejar e executar conteúdo pedagógico com a finalidade de apresentar um olhar específico sobre o ser negro. Esse exercício a fez refletir sobre seu “ser negro” e sobre o ser negro presente nos espaços escolares, já que a mesma já atua como professora.

Em relação a docente regente do 5º ano, notou-se nas duas oficinas certo distanciamento. Um certo receio de falar. Talvez pela falta de habilidade com os elementos da oficina. Porém havia também uma postura de curiosidade e disponibilidade no aprender a fazer, sobre os recursos utilizados, atenção às estratégias elaboradas. Vale ressaltar que tanto o vídeo, quanto o material teórico sobre África, bem como o álbum elaborado foram solicitados pela docente para projetos didáticos futuros.



Imagem 2 – Elaboração do álbum seriado

#### **4.1.2 Oficinas sobre “cultura negra”**

As Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apresenta dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do movimento negro feito ao longo do século

XX, que apontam para a formulação de projetos empenhados na valorização da história e para a cultura dos afro-brasileiros e dos africanos. Outra orientação é para ações comprometidas com a educação das relações étnico-raciais positivas. Tais conteúdos devem buscar meios que nos levem sempre ao exercício do ensinar valorizador da diversidade cultural brasileira, em especial da cultura negra, uma vez que ao longo da História esta vem sendo desvalorizada. É certo que

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recreação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes de sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2005, p. 79).

Imbuída pela responsabilidade de tornar presente no espaço escolar alguns aspectos da cultura negra a bolsista C, realizou no dia 20 de novembro de 2013 a oficina “cultura negra em Picos” para a docente da sala e seus alunos do 3º e 4º ano do ensino fundamental.

Um pouco da grandiosa história da cultura negra, seus costumes, rituais e danças envolvendo principalmente a realidade na nossa cidade de Picos. Após a exposição verbal, a bolsista C dividiu os alunos em grupos. Cada grupo recebeu uma oficina para auxiliar na elaboração de uma apresentação ilustrativa da cultura negra de Picos.

Após trinta minutos de preparação, finalmente os grupos voltaram a se reunir para apresentarem o que elaboraram. O primeiro grupo apresentou a luta da capoeira. A apresentação contou com a elaboração e apresentação da coordenadora do programa de extensão e orientadora da presente pesquisa, já que a mesma é graduada no esporte. O segundo grupo apresentou uma dramatização na qual o protagonista é um Orixá<sup>1</sup>o candomblé, Exú e foi ensaiado e dirigido pela professora dos alunos. A terceira apresentação foi o desfile das belezas negras da escola, protagonizado por oito (08) alunas das duas séries envolvidas.

---

<sup>1</sup> Escrevi ORIXÃ com: iniciação letra maiúscula sob o direcionamento da orientadora da pesquisa. Segundo a mesma os intelectuais e militantes do movimento negro, assim como adeptos das religiões do candomblé e da umbanda, os Orixás são Deuses. Assim como os católicos escrevem Cristo com letra maiúscula, ou Deus, na mesma direção se escreve Orixá, Omolú, Exú, Yemanjá, Oxum, Ogum, etc.

Os alunos demonstraram muita motivação à participação nas oficinas. No grupo do teatro houve certa disputa na escolha do protagonista, o Orixá Exú. Como se trata de uma divindade africana e afro-brasileira mal vista, considero importante que a oficina tenha conseguido mudar a visão ruim sobre o Orixá. Apesar de a professora ter participado de toda a oficina fez o seguinte depoimento para a coordenadora do Programa de Extensão:

Eu fiquei assim meia com medo, sabe! É porque a gente cresce tendo medo dessa palavra EXÚ. É visto como coisa do mal, de energia ruim. Mesmo eu sendo da umbanda, fiquei com medo. Mas foi muito bom organizar essa peça. Nós lemos o conto do Exú e isso não só os alunos aprenderam, eu também estou procurando mudar meu jeito de pensar. Foi essa cultura errada. É bom aprender formas de dar aula sobre essa cultura negra. Essa religião que é a realidade de Picos (Professora do 3º e 4º ano Ens. Fundamental).

Notemos que apesar da professora participar de uma religião de matriz africana, como é o caso do candomblé e da umbanda, ela ainda assim se sentiu amedrontada. Porém reconheceu a importância de conhecimento didático-pedagógico para o trato com tais temáticas.

Em relação à capoeira o grupo de alunos envolvidos era todo do sexo masculino muito cheio de energia, vontade de bater, agressivo. Durante a oficina foi levando o grupo a ter um comportamento disciplinado em respeito ao esporte da capoeira que exige estratégia e disciplina. Todos se mostraram centrados e disciplinados assistindo as outras duas apresentações até chegar o momento deles jogarem capoeira. A professora ficou surpresa com o comportamento de seus alunos comentando com a bolsista que a escola precisava daquele esporte para acalmar os alunos.



Imagem 3 – Aula de capoeira com os meninos

Em relação ao desfile da beleza negra não houve a escolha de uma menina. Por orientação da coordenadora do projeto a professora dos alunos anunciou que todas as alunas que desfilaram caracterizadas com roupas afro, cabelos afros e uma música africana seriam as belezas negras da escola. As alunas inicialmente ficaram constrangidas e com vergonha de desfilar. Porém a bolsista anunciou cada uma com muita honraria e louvor, elevando assim a autoestima das meninas que logo se mostraram confiantes. A professora das alunas se surpreendeu com a técnica do desfile. Disse que nunca havia pensado sobre isso. Percebeu que as alunas mais tímidas em um passe de magia se soltaram.



Imagem 4 – Desfile das belezas negras

As oficinas com alunos de 3º e 4º ano foi um exercício de tolerância para a professora destas turmas. Em muitos momentos percebi a docente reflexiva ou calada. Muito atenta a palavras, como por exemplo, Exú. A postura educada e de respeito jamais à fez desqualificar as atividades, porém na ultima intervenção do Programa de Extensão, quando a questionamos sobre os saberes adquiridos, a professora nos revelou:

Assim, eu mesma tive medo com relação à Exú na peça das crianças. Agora, depois que a professora Rebeca (coordenadora do Programa) esclareceu essa visão que nós temos é que eu entendi sobre a oficina com as crianças. Porque tem os pais que não entendem, sabe. Vão dizer logo que estão ensinando macumba para os filhos deles. Agora tem que saber trabalhar a aula para não ser mal interpretada. (Professora do 3º ano do ensino fundamental).

A docente deixou explícitos os saberes pedagógicos adquiridos ao revelar que entendeu que para conteúdos consideramos tabu, de difícil aceitação pelos pais e pelos alunos pelo desconhecimento, cabe ao profissional do ensino elaborar estratégias didáticas eficientes para lidar com o conteúdo em questão.

#### **4.1.3 Oficinas sobre “Literatura de Base Africana”**

Essas oficinas foram trabalhadas no dia 18 e 19 de novembro de 2013 com as turmas de 1º e 2º anos. A bolsista “E”, planejou de forma minuciosa toda a ação com o tema literatura de base africana, visando a melhor compreensão dos alunos sendo crianças menores. Outra preocupação foi viabilizando também o acompanhamento da professora envolvida. A bolsista procurou em todos os momentos integrar a docente nas atividades com o objetivo de envolvê-la no que havia sido planejado pela bolsista.

A bolsista “E”, deu início às oficinas: acolhimento com músicas, envolvendo a turma e principalmente chamou muito à atenção da professora. Ela estava curiosa para conhecer a metodologia que seria usada. As crianças dançaram e cantaram em roda fazendo uma coreografia deitando e rolando ao chão sobre um tapete grande para leitores. A bolsista “E”, usou de uma técnica motivacional mostrando uma caixa onde se encontrava uma florzinha, ela pediu apenas que olhassem de um por um, depois deixou a caixa em amostra. O bom que a professora do 1º ano não piscava o

olho, observando a interação das crianças. Posteriormente, minha colega começou a falar um pouco da África, se as crianças já tinham ouvido falar naquele Continente. Elas ficaram meio que sem entender nada. A bolsista “E” passou a contar uma historinha de título OBAX. A partir de slides as crianças ficaram encantadas juntamente com a professora. A história contada pela bolsista é assim:

OBAX era uma menina sonhadora que nasceu na África. Era alegre e imaginava coisas. Ela via algum objeto e descrevia ser um animal, amiguinhos que interagiam com ela. O ruim da história é que ninguém acreditava e ficavam falando que ela estava mentindo. Ela olhava para uma pedra e dizia ser um elefante, quando contava para sua mãe ou seus amiguinhos falavam que era invenção da cabeça dela. A OBAX, contou para seus amigos que existia uma árvore enorme na África muito alta mesmo. Eles não acreditaram, mas de tanto ela insistir conseguiu leva-los até ao local em que se encontrava a árvore baobá, árvore que representa a ancestralidade africana. Chegando lá todos concluíram que quando se sonha e se acredita em algo, isso pode se tornar realidade. (Bolsista “E”).

Ao final da contação da história, as crianças puderam fazer perguntas sobre a personagem. A bolsista as fez viajar pelas savanas africanas, com toda a exuberância cultural e natural daqueles lugares magníficos. Logo em seguida a bolsista “E” pede para elas desenharem o que mais tinham gostado na historinha. Todos fizeram diversos desenhos. Algumas desenharam o baobá, outras o elefante, mas a maioria desenhou a Obax, a menina negra das savanas africanas que tinha muita imaginação.



Imagem 5 – Contação de história

Para as crianças esse foi um momento lúdico, prazeroso, mas acompanhava a linha de ação didática da professora regente das turmas. Porém houve uma diferença, a professora nos revelou que ainda não tinha trabalhado com literatura de base africana. Para nossa surpresa a docente retirou de seu armário na própria sala de aula algumas obras, entre elas algumas de base africana e entre estas o livro Obax. A professora revelou que:

A falta de conhecimento da gente nas escolas é tão grande, né, que nem mesmo eu notei que esse livro tinha relação com a questão da África. É um mito africano e eu nem reparei. (professora do 1º e 2º ano).

Saber selecionar o material pedagógico a ser utilizado é um desafio. Todo conteúdo expressa uma intenção. Aprender que a literatura de base africana tem um potencial formativo muito importante para uma educação das relações étnico-raciais positivas torna a professora mais segura de seus saberes pedagógicos para a implementação da lei nº 10.639/2003.

## **4.2 Saberes do Conhecimento**

A principal atividade do docente é ensinar. Contudo não se ensina o que não se sabe. E ainda, o saber não é qualquer informação. A profissão do professor tem como tarefa a escolha de conteúdos que irão fazer parte dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Porém, como nos auxilia Pimenta (1997), é preciso questionar-se sobre a validade e importância dos conhecimentos. Os conteúdos devem ser organizados de maneira a atender a determinado projeto formador. Sendo, assim, no caso de conhecimentos de raiz africana ou afro-brasileira, se faz necessário o entender da validade daquele conhecimento para a promoção de uma educação das relações étnico-raciais (Meijer, 2012). Para o desenvolvimento do Programa de Extensão “Didática das Africanidades na Escola” foi um grande desafio compreender os conhecimentos envolvidos e suas intencionalidades para nós bolsistas e, principalmente para as professoras envolvidas na capacitação. O desafio do Programa envolveu a reformulação do pensamento racista, estigmatizador, colonizado e discriminatório de bolsistas e professoras. A terceira etapa do

Programa de Extensão foi a aplicação de formação docente para implementação da Lei 10639/2003. Em tais intervenções as bolsistas foram preparadas para o desenvolvimento de intervenções de natureza mais teórica para dar sustentação aos saberes pedagógicos antes desenvolvidos nas oficinas com estudantes e professoras.

Durante a última semana do mês de novembro de 2013 foi realizada a formação de docentes e funcionários da escola campo da pesquisa tendo como formadoras as bolsistas e a coordenadora do Programa de Extensão. A partir dos temas: literatura de base africana, ser negro e cultura negra teceram uma teia de conhecimento que nos fez reformular nosso modo de ver a escola, as relações sociais e nosso próprio pertencimento étnico.

Tivemos que fazer um grande esforço para compreender o conteúdo racista presente em nossa cultura, em nosso cotidiano e nas práticas escolares. Por vezes nos sentimos agredidas ao constatarmos o quão estamos longe de desenvolvermos uma educação respeitosa com a diversidade étnico-racial e pior, o quanto somos racistas. O pensamento racista brasileiro é justificado nas ideias de Silva (2006) quando nos instrui sobre as teorias racistas aprendidas que nos faz relacionar o negro ao mal e tudo que é claro ou a luz ao que é bom:

A mitologia solicitou no Ocidente as dualidades: luz e trevas, Deus e o diabo, o branco e o negro, deuses benéficos e divindades do horror. O mal sempre se opõe ao que é luz. O diabo é negro [...] existe nesse imaginário ocidental a figura do herói, indivíduo que enfrenta criaturas monstruosas. O herói está relacionado à cor branca, assim como o monstro, ou demônio está relacionado ao negro, às trevas (p. 218).

Tais influências não estavam conscientes em nossas mentes. É como se a gente tivesse uma venda nos olhos. Nesse sentido os conhecimentos desenvolvidos ao longo de uma semana de formação nos munuiu de um novo olhar sobre a realidade em nosso meio. Os saberes do conhecimento desenvolvidos e aprimorados pelo grupo partiu das três intervenções a seguir apresentadas.

#### **4.2.1 Ser negro, literatura de base africana e cultura negra: a construção dos saberes do conhecimento**

No dia 26 de novembro de 2013, iniciamos a formação com as professoras e funcionárias da escola campo da pesquisa. No primeiro momento professora coordenadora do Programa de Extensão fez a exposição verbal dos objetivos da formação e adiantou alguns temas relevantes a serem abordados. Em seguida conduziu todas a uma dança afro inspirando o corpo e a mente para os saberes do conhecimento que viriam. Em seguida fiz uma exposição acerca dos saberes docentes, sua tipologia e a necessidade de formação docente para o fortalecimento de tais saberes para a implementação da Lei 10.639/2003. Para tanto tive esteio em alguns autores tais como: PIMENTA (1997, 1999, 2000,2002), GOMES (2005); SIVA (2006); MEIJER (2012).

As professoras reconheceram que o professor necessita de saberes especializado e que o poder público tem obrigação de arcar com essa formação. Sobre o teor destas ideias podemos destacar a fala de uma das docentes:

Depois que eu tive conhecimento sobre essa Lei, fui logo procurar sobre na Secretaria de Educação quando a gente teria uma capacitação sobre o assunto. Mas ela nunca chegou. Agora sim. Eu acho que antes disso não tinha como a gente fazer nada. É como você tá dizendo. A gente só ensina o que se sabe. (professora do ensino fundamental I).

Nas DCN para o ensino da História e Cultura africana e Afro-Brasileira é possível constatar a responsabilidade da escola e de formação docente do poder público.

- a) Reformular ou formular junto à comunidade escolar o seu Projeto Político Pedagógico adequando seu currículo ao ensino de história e cultura afro brasileira e africana [...]
- d) Estimular estudos sobre Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana e Afro-brasileira, proporcionando condições para que professores gestores e funcionários de apoio participem de atividades de formação continuada e/ ou formem grupos de estudo sobre a temática. (BRASIL, 2004, P.38)

Imbuídas na elaboração de seus saberes do conhecimento as docentes e funcionárias da escola Francisco Jeremias de Barros se reuniram novamente no dia

27 de novembro para dar continuidade a formação. Agora foi a vez da bolsista “S” apresentar o tema “Ser negro”. Inicialmente foi feito um alongamento/relaxamento, técnicas motivacionais para trabalhar o corpo em movimento (dança) para o envolvimento com os conteúdos teóricos.



Imagem 6 – Dança afro

A Bolsista procedeu a apresentação de seu conteúdo acerca do ser negro, com base nos seguintes teóricos: Munanga (2005), Santos (2005), Silva (2006), Meijer(2012), Oliveira(2010). Os temas abordados variaram entre o que é ser negro no Brasil historicamente, a postura das professoras em relação ao assunto, estigma da cor negra, o preconceito, desvalorização da cultura afro-brasileira, racismo que se encontra nas veias de todo brasileiro e cotas raciais. A intervenção por alguns momentos ficou tensa, sobretudo com relação ao tema sistema de cotas nas universidades. Uma das professoras se colocou contra as cotas, o que foi muito polêmico. Nesse momento, a coordenadora do Programa teve que intervir lembrando que cotas é uma das muitas políticas de ação afirmativa e teve que fazer um vasto resgate histórico.

A intervenção foi um divisor de águas para todas nós. Descobrimos que nem mesmo sabíamos nos auto reconhecer do ponto de vista étnico-racial. Algumas professoras se sentiram a vontade para finalmente reconhecer sua negritude e algumas fizeram alguns depoimentos sobre esse auto reconhecimento.

Eu mesma achava que eu era parda e que não era negra. Agora eu sei que ser pardo é ser negra. Mas é que parece que a agente tem medo de dizer negra. E o cabelo. Sim... como foi falado. O cabelo só é bonito se alisar. As meninas desde pequenas querem alisar. (professora externa à escola convidada pela gestão a participar da formação).

Ser negro ou negra e manter o cabelo esteticamente afro é um posicionamento político como salienta a pesquisadora Rebeca Alcântara e Silva Meijer em sua tese de doutorado (2012). Tais saberes docentes do conhecimento foi insistentemente debatido com a meta de enegrecer as docentes para enegrecer a escola.

Na formação das professoras do dia 28 de novembro, o tema em foco foi a cultura negra. A bolsista “C” iniciou a intervenção com um alongamento/relaxamento e logo depois música de uma religião de matriz africana deixando assim o corpo mais em sintonia com o tema do dia. A bolsista “C” apresenta em slides os conhecimentos acerca da cultura negra, utilizando principalmente como referencia Meijer (2012), Oliveira (2006) e principalmente Muniz Sodré (1998) na obra “A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.”. O momento mais teórico teve como principais pontos de exposição e debate a discussão sobre o que é cultura, quando a expositora nos revelou que na obra de Sodré (1988), há registrada cento e cinquenta conceitos de cultura. Em seguida resgata o conceito de cultura negra mostrando que pode ser considerada a cultura herdada dos ancestrais africanos e renovada no Brasil desde os tempos de escravização. Disse que existe um jeito de ser negro em nosso país, ou melhor, são vários os jeitos de ser negro, ou afrodescendente e que a cultura negra é o conjunto dessas possibilidades, dessas formas de ser e de ver a vida. A própria capoeira, os rituais religiosos, são expressões grandes dessa cultura que sobreviveu ao tempo e a opressão da cultura colonizadora portuguesa.

Ao longo da fala da bolsista, as professoras foram dando exemplos e falando como elas viam essa cultura em Picos. Entre as várias falas duas me chamou atenção quando foi dito que:

Aqui mesmo em Picos tem negros, eu mesma sou negra. A gente tem uma cultura nossa. Não que os negros sejam isolados. Foi isso que eu entendi. Que ficou sem a gente perceber uma cultura negra que a gente não percebe. Tipo ser solidário, ajudar um vizinho, sentar numa roda pra conversar na frente da casa. Como a professora Rebeca (coordenadora do Programa de Extensão) falou que a capoeira

mesmo e lá na macumba as pessoas se reúnem em círculo, esse tipo de coisa. (professora convidada).

A capoeira é uma das representações da cultura negra brasileira, é verdade. O jogo, que é quase uma dança, exercita no capoeirista, tanto no corpo quanto na mente dele e dela, um jeito especial de encarar a vida. É como se a vida ficasse mais poética e musical. O som do berimbau acalma e ao mesmo tempo arma para o confronto se for preciso. Esse é o jogo da roda da vida dinamizado na roda de capoeira. (Prof.<sup>a</sup> Rebeca Meijer).

As professoras e funcionárias concluíram que há uma cultura negra picoense. O material de trabalho com esse tema é a cultura da cidade também. Lembraram que Picos têm um grupo de cultura negra, o Grupo Adimó e que o maior objetivo deles é a divulgação e ensinamento de manifestações da cultura negra da cidade e na cidade.

O tema literatura de base africana foi abordado no dia 27 de novembro. Inicialmente a bolsista “E” com ajuda da coordenadora do Programa de Extensão conduziu um alongamento e em seguida uma dança representando um ritual do Candomblé. Logo depois fez uma exposição teórica para as professoras e funcionárias sobre o tema a partir das obras de Guimarães (2012), Silva, G. (2013), Beniste (2006). A exposição dialogada teve como principais pontos a discussão sobre o que é literatura, literatura de base africana, a tradição eurocentrada de trabalho pedagógico com literatura europeia e a necessidade de modificar essa realidade. Disse que:

A partir da implementação da lei 10.639/2003 não há mais como ignorar a lei. A escola deve diversificar as obras incluindo literatura que tenha personagens negros, que aborde mitos e tradições africanas e afro-brasileiras. (Bolsista “E”).

Por último mostro às professoras vários exemplos de obras que poderiam ser trabalhadas na escola e que contribuem para elevar a autoestima da criança negra, que contam mitos africanos importantes para entender as culturas tradicionais africanas, que relatam histórias afro-brasileiras, etc. Uma professora revelou que a escola até tem algumas obras de base africana, porém foi até bom ela não ter trabalhado com as crianças até aquele momento, pois provavelmente ela teria reforçado o racismo e o preconceito por falta de conhecimento especializado no

assunto. Agora estava mais bem preparada porque sabe do real objetivo da lei e de se trabalhar com estas obras.

Eu até já tinha visto estes livros que chegaram do PNAIC, mas realmente eu não trabalhei com eles. Agora vejo que não tinha condições. Depois da formação eu sei exatamente o que vou fazer. Tô com a cabeça cheia de ideias. (professora do ensino fundamental).

A apropriação de saberes do conhecimento, não é visto aqui como mero acúmulo de técnicas e teorias para executar um currículo oficial na escola. É visto como saberes do conhecimento, como nos alerta Pimenta. (2008).

Ter competência é diferente de ter conhecimento e informação sobre o trabalho [...] é visão de totalidade; consciência ampla das raízes, dos desdobramentos e implicações (p.42).

A fundamentação teórica sobre as oficinas de intervenção realizadas com os alunos e professoras foi à base para o fortalecimento dos conhecimentos. O contato com pesquisas, teorias, com conteúdos de natureza mais conceitual e factual nesta etapa de formação docente acabou por enriquecer o potencial reflexivo do grupo que percebeu as raízes do problema. Foi possível perceber a questão racial brasileira em sua totalidade e pensar possíveis soluções, sobretudo no espaço escolar.

### **4.3 Saberes de experiência**

Os saberes de experiência associam tudo o que sentimos o que fazemos o que sabemos, envolvido com os sentimentos, afetos, emoções e lembranças que nos marcam de modo geral nossas vivências no decorrer da história, com pertencimento de gênero, raça entre outros. Nossa trajetória de vida é o acúmulo de conhecimentos, de saberes que interferem no modo como agimos na vida pessoal e na nossa profissão. Os saberes de experiência relacionam-se com esse repertório de experiências, de saberes que orienta o modo como o professor pensa, age, relaciona-se consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo, vivendo assim a sua profissão (FARIAS, et all, 2008).

No contexto da pesquisa-ação se faz necessário compreender as experiências do grupo a ser pesquisado em relação ao tema de pesquisa. O que pensam o que sentem quais suas práticas cotidianas, em que se fundamentam etc. Essa necessidade acaba orientando o norte da pesquisa, uma vez que a pesquisa-ação visa a transformação da realidade. Como nos ensina Dionne (2007) na pesquisa-ação são desenvolvidas algumas etapas fundamentais: a identificação das situações iniciais, planejamento de ações, realização das atividades ou intervenções e avaliação dos resultados.

Para identificação das situações iniciais da escola, planejamos e executamos entrevistas com algumas docentes. Procuramos construir um diagnóstico inicial sobre os saberes docentes que já faziam parte do repertório do grupo e o que precisava ser incluído para contribuir com a construção dos saberes docentes para a implementação da Lei nº 10639/2003.

No dia treze de novembro de 2013 realizei na escola Francisco Jeremias de Barros entrevista com três professoras do ensino fundamental I. O produto das entrevistas nos auxiliou para análise dos saberes de experiências anteriores e posteriores a formação no contexto do Programa de Extensão Didática das Africanidades na Escola.

Procurando perceber os saberes de experiência das docentes em relação às questões raciais, a implementação da Lei 10.639/2003, ao desenvolvimento das ações de extensão, desenvolvemos três entrevistas e observações registradas em diário de campo. O conteúdo extraído das entrevistas foi organizado em algumas categorias a fim de colher os saberes de experiência do grupo:

1. As experiências pessoais ou extraescolares sobre as questões raciais;
2. A identificação racial;
3. As experiências produzidas na profissão.

Com relação à primeira categoria, ou seja, das experiências extraescolares sobre as questões raciais, as professoras deixaram entrever as seguintes ideias, senão vejamos:

Minha história de vida é de afeto com pessoas negras, o respeito, a aproximação, a não desvalorização do outro apenas pela sua cor de pele. Fui educada contra qualquer tipo de preconceito. Isso aprendi muito com meus pais, respeitar sempre as pessoas. (Professora A).

Meus pais sempre ensinaram a respeitar as outras pessoas, e aprender a conviver em paz, harmonia. Nunca tive problema em se relacionar com pessoas de outra cor, pelo contrário sempre convivi com pessoas de cor negra. (Professora B).

Nós fomos criados no interior daqui. Tinha perto de nossa casa um pessoal bem negro mesmo e sempre brincamos juntos, sem nenhum problema. (Professora C).

Os depoimentos indicam que parecemos viver numa democracia racial. Onde todos são iguais, independente da cor. O discurso da situação ideal, presente nos três depoimentos não se sustenta na aviação final da formação, quando as mesmas professoras contradizem o que disseram antes da formação. Há uma tendência a esconder o racismo presente na cultura brasileira, porém as práticas cotidianas vão apontando esta tendência veja:

A gente é criada com uma cultura racista. Meu pai é muito racista. Discrimina mesmo pessoas negras. Não sei de onde ele tirou isso. Acho que é coisa de gente antiga, mesmo. (Professora B).

Não é nem porque a pessoa quer. Mas realmente quando a gente ver uma pessoa negra mal vestida na rua dá logo aquele medo. Vem logo a ideia de ser um ladrão. É essa coisa do estigma da cor. Como se o negro fosse marginal. (professora C).

A segunda categoria que trata da identidade racial nos mostrou que a maioria das professoras se auto-identificam como pardas, porém elas não sabiam que os pardos e os pretos formam a população negra brasileira. A pergunta qual sua cor/etnia foi feita não só para as três docentes entrevistadas, e sim para as dezessete (17) pessoas entre professoras e funcionárias. 65% se consideraram pardas, 5% se auto definiram como preta e 30% se autodeclarou branca. Desta forma ao juntarmos pardas e pretas temos um total de 70% de profissionais da educação da escola negras.

A terceira e última categoria que trata das experiências produzidas na profissão nos revelou elementos importantes para a pesquisa.

A escola não trabalha a Lei. Eu não conheço suficiente a lei para usar em sala de aula. É preciso saber o que vai fazer para aplicar em sala de aula. Eu não aprendi na universidade e nem depois tive curso sobre o tema, sendo assim não tem como “eu” repassar algo que não tenho conhecimento. (professora A).

Apesar de não ter formação, eu busco repassar esses valores para meus alunos sendo o mínimo para que valorizem as pessoas, diminuindo o racismo, o preconceito racial. (professora B).

A escola não exige, mas a minha experiência de vida, ensino para os meus alunos a não maltratar o colega pela sua cor de pele, “por ser mais escura”, que somos todos iguais. Se ele recebe elogios é claro que vai ficar à vontade e não constrangido, recuado nos cantos como acontece geralmente nas escolas, por colegas tirarem brincadeiras de maneira desagradável a constranger o colega (Professora C).

No dia 03 de dezembro de 2013, foi realizada a avaliação final com todas as participantes da ação a partir de uma roda de conversa. Na ocasião foi possível perceber quais novas experiências passaram a fazer parte do repertório dos saberes docentes das participantes. Os depoimentos nos revelaram o quão importante foram os momentos de formação para o entendimento das questões raciais. Em alguns depoimentos é possível se destacar:

Eu não tinha a menor ideia de que sem querer associamos a cor negra ao que é mal. Eu percebo agora que dizemos sem querer... a coisa tá preta, lista negra. É parte da nossa cultura racista. (professora B).

Mas tá aí a todo o momento. O simples fato de não ter gente negra rica ou como galã de novela ou nas propagandas, nos cartazes das escolas. Tudo isso faz a criança entender o que é belo e o que é feio. (professora C).

Muitos comportamentos cotidianos não eram vistos no início da formação como racismo. “A prática racista faz parte do cotidiano do brasileiro” defendeu a coordenadora do Programa de Extensão dialogando com uma das professoras na avaliação final da formação. Os saberes de experiência também são aqueles eu os professores constroem no cotidiano docente na permanente reflexão sobre sua prática (Pimenta, 2009). Das ideias de início de formação até as ideias formuladas na avaliação final, muitos elementos foram sendo incorporados e modificados. Foi feito grande esforço de se refletir sobre a prática. Foi necessário vasculhar a vida pessoal e a profissional para escutar o barulho das contradições e dos textos construídos para soarem mais politicamente corretos. Mas as ações interventivas elaboradas, a confiança conquistada no grupo, teve como resultado o desvelar do véu racista que encobre a sociedade, mas também a certeza que a formação tem

poder de lapidar os saberes de experiências a partir de uma nova racionalidade racial a moda brasileira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ora apresentada foi parte integrante do Programa de Extensão Didática das Africanidades na Escola realizado pela Universidade Federal do Piauí. O referido programa teve como meta oferecer e analisar formação docente para professores de uma escola pública da cidade de Picos-PI com o intuito de implementar a Lei 10.639/2003 que versa sobre a obrigatoriedade do Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica e da educação das relações étnico-raciais.

Procuramos analisar, no contexto das intervenções a construção de saberes docentes para a implementação da Lei 10.639/2003. Envolvendo três temáticas: “o ser negro, cultura negra e literatura de base africana”.

Concluimos que, assim como nos orientam os estudiosos Farias (2008), Pimenta (2012), o professor é um profissional que requer saberes especializado, ou saberes docente. No tocante a implementação nas escolas de uma educação das relações étnico-raciais se faz necessário formação inicial e continuada de professores, como designa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, Brasil (2004) e que esse é papel dos sistemas de ensino, sejam eles federal, municipal ou estadual. As vozes das professoras denunciaram negligência do poder público até o presente momento com a formação adequada para tratar tais exigências legais na escola pesquisada. A partir também de informação adquirida pelas próprias docentes nenhuma escola da cidade passou por formação específica de significativa carga horária até o final da formação.

O que ocorrem são eventos pontuais no dia 13 de maio e no dia 20 de novembro muitas vezes orientados de forma equivocada, já que “ Se não temos formação, acabamos é enaltecendo a princesa Isabel como se ela fosse a redentora do povo negro” (professora convidada pela escola).

Implementar a lei nº 10.639/2003 exige sem nenhuma dúvida, saberes docentes especializados, a exemplo do vivido/elaborado nas intervenções que serviram de elementos para essa pesquisa. Saberes esses que façam desconstruir a visão estigmatizada que temos sobre o que é ser negro nesse país, a exemplo do explícito pela bolsista C. Reformular nossas ideais em torno do que sejam cultura e

cultura negra, como salientou a bolsista C a partir de Muniz Sodré. Precisamos aprender a selecionar material didático adequado, sobretudo obras de literatura, equilibrando as escolhas entre as matrizes indígenas, europeias e africana/afro-brasileira como nos advertiu a bolsista E.

Ao final do percurso é preciso acrescentar que muito em mim também mudou. Aos meus saberes acadêmicos, os saberes de pesquisa e os de vida fizeram crescer uma forte identidade com o tema e uma grande necessidade de implementar a Lei 10.639/2003 nas escolas por onde eu passar e na minha vida. A pesquisa ajudou a me reconhecer também como futura educadora com saberes docentes de natureza afrodescendente.

A escola campo da pesquisa é hoje um *locus* de saber e poder negro. Há naquele ambiente um conjunto de profissionais com propriedade pedagógica, de conhecimentos e de experiência capaz de tornar aquela escola uma referência na região no tocante aos saberes necessário a uma prática educativa pelas africanidades e a afrodescendência em Picos-PI.

## REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. – Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BRASIL, **Ministério da Educação**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Conselho Nacional de Educação, Brasília-DF. 2004.
- DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro editora, 2007.
- FARIAS, Maria Sabino de. Et all. **Didática e Docência**: aprendendo a profissão. Fortaleza: Liber Livro, 2008.
- GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.
- GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? In: Revista Brasileira de Educação. Campinas: autores associados, 2005.
- IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. Dados passados pelo o IBGE de Picos - Piauí em 21/ 01/ 2014, às 15hs.
- MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola**: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores-saberes da docência e identidade do professor**. Nuances [online]. 1997.
- \_\_\_\_\_. (org.) **saberes pedagógicos e atividade docente**. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTANA, Marise de. **O Legado Africano e o Trabalho Docente**. Boletim 2006 Salto para o Futuro, v. 20, p. 38-50, 2006.
- SECAD. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: Secad, 2006.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO, CED, 1995.

SILVA, Rebeca de Alcântara e. Algumas considerações sobre o racismo brasileiro e suas consequências. IN: VASCONCELOS, José Gerardo (Org.) et. al. **Entre tantos: Diversidade na pesquisa educacional**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 215-253, 1991.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TERRIEN, Jaques et al. **Artesão de ouro ofício: Múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar**. São Paulo: Annablume/Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

TERRIEN, Jaques. **Uma abordagem para o estudo do saber da experiência das práticas educativas**. <Disponível em [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br)>. Acesso em 19 de Dez. de 2013.